

TEXTOS POLÍTICOS

# **"PRODUZIR É RESISTIR"**

— **Organizemo-nos na Resistência Popular Generalizada, em Defesa das Massas Trabalhadoras.**



— **Comunicação do Camarada Lopo do Nascimento no 1.º Seminário das Comissões Directivas do MPLA-Malanje, Set. 1975**

— **Consciencializados e unidos pela justa linha correcta, nós, o M P L A, seremos a força decisiva que transforma a sociedade e aniquila o inimigo.**

— **Comunicação do Camarada Lopo do Nascimento no 1.º Seminário das Comissões Directivas do M P L A - Malanje, Set. 1975.**



## **COMUNICAÇÃO DO CAMARADA LOPO DO NASCIMENTO NO ENCONTRO DA COMISSÃO DIRECTIVA DO MPLA**

Camaradas,

Viemos aqui falar-vos de alguns problemas que preocupam, na actual fase de luta, o nosso Movimento.

Mas para compreendermos os problemas de hoje, devemos sempre analisar a nossa experiência passada e assim sabermos porque é que eles nos surgem, desta maneira e não de outra :

1. O colonialismo português manteve durante 500 anos o nosso povo numa situação de opressão, que se caracterizava fundamentalmente pela exploração desenfreada da força do trabalho dos angolanos. Foi exactamente essa exploração que os atirou para a miséria que ainda hoje encontramos no nosso país. Mas para além da exploração económica, e para mais facilmente efectivar essa exploração, o



colonialismo lançou mão de outras armas, tais como a humilhação quotidiana e a degradação intencional do nosso povo, sobretudo das camadas sociais que mantiveram contactos mais estreitos com a máquina colonial.

Assim, a nossa cultura foi abafada nos seus aspectos criadores e substituída por uma maneira de viver que não era mais que a imagem da exploração de que os próprios angolanos eram vítimas.

Deste modo, o obscurantismo, o alcoolismo e a prostituição foram fomentados com o fim de degradar o nosso povo, e de, portanto, lhe retirar a iniciativa criadora que o levaria à libertação.

Por outro lado, o colono dispunha de um estatuto de superioridade a todos os níveis, facto que obrigou algumas camadas sociais a adoptar os seus padrões de vida e, em consequência, a alienarem-se da realidade do nosso país de explorados.

Assim surgiu, por imperativo da própria expansão do sistema capitalista em Angola, uma classe de assimilados desligados da luta de resistência ao colonialismo, desencandeada no seio das massas operárias e camponesas.

Vim falar nisto agora aos camaradas porque é esta uma das causas de problemas que iremos analisar adiante.

E por isso lembramos que a luta de libertação nacional é também uma revolução cultural pois que nela iremos criar o homem novo, despido de tudo aquilo que há de mau para o nosso povo e que nos foi inculcado pela classe exploradora.

Na verdade, durante a luta de libertação nacional, nós ganhámos consciência de que aquilo que era mau e existia no seio do povo podia constituir bases para os nossos inimigos. O racismo e o tribalismo, o oportunismo são exemplos desse facto.

E foi com esta experiência que nós chegámos à conclusão de que era necessário demarcar com rigor quais os comportamentos que eram próprios do inimigo e quais os comportamentos, que servindo os interesses da nossa luta, eram, portanto, os do nosso povo.

É pois desta longa luta de libertação que um homem novo nascerá no chão do novo país. Esse homem novo será uma criação das massas populares que no processo revolucionário se irão transformando.

Ao MPLA e aos seus militantes, como vanguarda revolucionária, cabe dirigir este processo de transformação.

Por isso nós devemos exigir que todo o militante do MPLA seja a antítese dos exploradores, seja guiado por uma ideologia que defenda até à morte os interesses das massas oprimidas.

Nós devemos exigir, utilizando como arma a crítica e auto-crítica, que todo o militante do MPLA comece a revolução por si próprio, pela sua prática a todos os níveis do quotidiano.

2. A história do homem indica-nos que a sua maneira de viver, a sua cultura, se foram alterando pela luta contra a natureza e contra todas as formas de opressão. Assim constatamos que a produção é a base material da dinâmica da sociedade e por isso dizemos que sem produção não há vida nem cultura. A produção é a própria vida.

Mas uma das conquistas do pensamento revolucionário foi assumir a íntima ligação que existe entre a teoria e a prática. E se nós dizemos que sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário, devemos ter sempre presente também, que sem prática revolucionária, não há movimento revolucionário.

Na verdade, para resolver completamente a questão teoria/prática é necessário a partir do conhecimento teórico, lógico e racional, regressar à prática social, aplicar a teoria na prática, verificando se ela pode conduzir ao objectivo fixado.

Assim, não basta lançar a palavra de ordem "Produzir é Resistir". É preciso fazer uma mobilização geral e um grande esforço de organização para que ela seja efectivamente aplicada na prática. Também será na prática que o conteúdo desta palavra de ordem será enriquecido e corrigido pela nossa experiência.

É dentro destes princípios que o MPLA irá desenvolver a produção. Já várias vezes o nosso Movimento indicou o conteúdo revolucionário e fundamen-



tal da frente de produção para a nossa luta de resistência.

Alguns camaradas pensam que é impossível dispor de tempo para a reconstrução nacional, uma vez que a resistência popular generalizada exige do MPLA um grande esforço de organização e mobilização das massas populares para a guerra anti-imperialista.

Esses camaradas chegam mesmo a condenar, como desvio de direita, a palavra de ordem "Produzir para Resistir" dado que o poder de Estado ainda não se encontra nas mãos das massas trabalhadoras.

Camaradas, esses pontos de vista, são errados. Todos os que os defendem são incapazes de compreender que, no nosso processo revolucionário, o povo leva avante uma luta anti-imperialista com uma frente de combate militar e que é necessário ter uma economia organizada para servir de suporte a essa frente militar.

Além disso, nas zonas controladas pelo nosso Movimento, devemos preocupar-nos em melhorar as condições de vida dos operários e camponeses, pois que são estas as camadas sociais que irão ter um papel determinante na nossa vitória. Será que as massas exploradas, poderão continuar a resistir à agressão estrangeira se estiverem esgotadas pela fome e pela doença? Com certeza que não!

Por outro lado é também através deste esforço de reconstrução nacional, nas zonas controladas pelo nosso Movimento, que nós iremos ganhar os conhecimentos que nos permitirão continuar a luta anti-imperialista quando as condições dessa luta se modificarem qualitativamente (ou seja, quando a agressão militar estrangeira for vencida).

Assim, para materializarmos a palavra de ordem de "Resistência Popular Generalizada", que vai ao encontro dos anseios mais legítimos do nosso povo, temos que cumprir determinadas tarefas revolucionárias, sem o que os nossos objectivos poderão ser traídos.

Todos sabemos que há sectores da nossa economia que são vitais para o avanço da luta anti-imperialista. Por exemplo, é através dos portos que recebemos os bens que não produzimos e que são essenciais à vida do nosso país. Também é através dos portos que enviamos para o estrangeiro os bens que produ-



zimos e trocamos por aqueles que precisamos. É, pois, através dos portos que a nossa economia respira, adquirindo o ar novo necessário ao seu desenvolvimento.

Por estas razões o MPLA não permitirá a sabotagem económica. E assim, não iremos consentir, por exemplo, no estrangulamento da actividade dos portos. **Porque se trata de um sector vital para a nossa economia, teremos a coragem de levar a julgamento popular aqueles trabalhadores que, parализando a sua actividade, ponham em causa os objectivos da nossa luta.**

3. Outro dos problemas que defrontamos neste momento é o do oportunismo de alguns sectores do funcionalismo público.

Um dos imperativos da nossa luta é a criação de uma administração pública honesta e que, portanto, esteja efectivamente ao serviço do povo. Mas para alcançar este objectivo é necessário depurar o aparelho de estado dos elementos corruptos e preguiçosos.

Verificamos, no entanto, que alguns camaradas do Movimento, incapazes de pôr em prática a nossa linha política, ainda não despiram os vícios que o colonialismo lhes injectou.

Alguns desses camaradas participaram até na luta de libertação nacional mas não se transformaram nessa luta — continuam a defender e a praticar os princípios burgueses que lhes ensinaram nas escolas coloniais.

Ainda há outros camaradas que, embora até aqui bons militantes, têm vindo a sofrer um processo de degradação anti-revolucionário devido às suas novas condições de vida. Essa degradação fomentada nos camaradas pelos nossos inimigos que pretendem impôr a sua maneira de viver, levando esses camaradas a afastarem-se cada vez mais das massas populares e tornando assim o nosso Movimento permeável à infiltração.

Devemos ainda referir aqui aqueles que, não tendo participado na luta de libertação nacional e tendo tido sempre uma prática burguesa, querem agora aproveitar em seu benefício as conquistas feitas pelas massas populares. Esses são os oportunistas de direita ou de esquerda que pretendem apenas realizar uma substituição nos lugares de chefia, quer a nível político, quer económico, sem se preocuparem com a transformação radical das relações sociais existentes.



São aqueles que querem para si os carros, as casas e os belos ordenados dos colonialistas sem se lembrarem que o MPLA defende os interesses das classes mais exploradas do nosso país e não **permitirá que se forme no seu seio uma nova classe exploradora.**

Há também camaradas que consideram que os seus problemas imediatos devem ser já resolvidos e põem isso como condição para a continuação da sua actividade. Falamos, por exemplo, dos camaradas que se recusam a trabalhar enquanto os serviços não resolverem o seu problema de transportes.

A todos esses camaradas errados nós lembramos mais uma vez que o **objectivo principal da nossa luta é a defesa dos interesses das massas mais exploradas do nosso país.**

Isto significa que devemos fundamentalmente estar preocupados com a melhoria das condições de vida dessas largas massas populares que continuam a debater-se com a miséria e a doença.

Assim, estamos preocupados com o abastecimento às populações das zonas com carências alimentares, com o apoio aos camaradas que foram expulsos das áreas controladas pelo inimigo, com a resolução dos problemas de emprego, habitação, transportes e sanitários das populações das zonas suburbanas e rurais, com o apoio logístico às gloriosas FAPLA, enfim com todas as formas de organização do nosso povo para a reconstrução nacional, para a resistência.

Isto é tanto mais importante quando temos consciência de que, porque essas largas massas populares nada têm a perder com a revolução e, pelo contrário, têm um país renovado a conquistar, **são elas a força motriz da nossa luta anti-imperialista.**

E porque temos que demonstrar a esses operários e camponeses que a revolução serve de facto os seus interesses, devemos realizar este esforço de melhoria das suas condições de vida. Na verdade, esse será **um factor de adesão à revolução e da sua mobilização para a resistência popular.**

Por todas estas razões, camaradas, nós vamos fazer com que a administração pública esteja efectivamente ao serviço da luta do nosso povo. Como consegui-lo ?



Em primeiro lugar, deve-se acabar com o parasitismo de alguns trabalhadores da função pública reformulando a sua organização de forma a que só existam funções e lugares efectivamente produtivos.

É necessário, por outro lado, aumentar para 8 horas diárias o horário de trabalho do funcionalismo para que os serviços possam responder aos problemas levantados pelo exódo dos adidos e ainda para que desempenhem com rapidez as tarefas que a situação actual impõe.

Os militantes do MPLA devem combater enérgicamente o oportunismo dos trabalhadores que pretendem apenas subir de letra e aumentar os seus salários. Nós vamos pensar seriamente em congelar os ordenados dos funcionários públicos superiores a 15 000\$00, porque talvez a partir dessa soma eles têm garantido um salário que lhes permite viver em condições bastantes superiores às da maioria do nosso povo.

Vamos ainda acabar com o novo "tachismo", com a acumulação de lugares nos vários departamentos ou empresas estatais, fixando o princípio de que cada funcionário deve apenas receber o salário que lhe cabe no serviço a que pertence.

Vamos também combater o oportunismo daqueles que, manipulando os trabalhadores, pretendem ser eleitos para lugares de chefia unicamente com o fim de aumentar as suas vantagens pessoais, exigindo que os membros das comissões de gestão ou administrativas continuem a ganhar os salários que lhes caberiam se lá não estivessem.

Todos aqueles que não seguirem estas directrizes, que correspondem aos anseios mais justos do nosso povo e, portanto, puserem em causa os objectivos da nossa luta, irão ser reeducados pelas massas trabalhadoras na produção directa, em campos de recuperação que o nosso Movimento vai abrir em vários pontos do país.

4. Fala-se muito do problema da fuga de quadros profissionais, tão necessários à reconstrução do nosso país. Para analisarmos esta questão temos que determinar quais as suas causas e quais os meios de a solucionar.

Muitos quadros fogem por se sentirem inseguros. Mas não basta que nos



fiquemos por esta observação. Com efeito, parece-me que essa insegurança é fundamentalmente devida à falta de enquadramento político desses quadros, alguns dos quais são, até, angolanos.

Ora apesar de há muito o nosso Movimento ter chegado à conclusão de que a nossa luta exige o recrutamento de muitos intelectuais, que deverão pôr os seus conhecimentos e experiência ao serviço das massas populares, e apesar de, também, estarmos a fazer um esforço para integrar um grande número de quadros, a verdade é que esse esforço foi insuficiente. E foi insuficiente porque aqui se reflectiram muitos dos nossos problemas de organização.

Nós temos exemplos de quadros que, pelo engajamento da luta ao lado das massas trabalhadoras, se integraram perfeitamente no nosso combate e, após vacilações, resolveram ficar em Angola. Por isso estamos convencidos de que, através de formas organizativas correctas, poderíamos ter evitado a fuga de muitos quadros.

Não quero deixar de falar na atitude errada de muitos camaradas que, até através da provocação, tem levado muitos intelectuais, alguns dos quais progressistas, a abandonar os seus lugares nas empresas e nos Serviços. Essa atitude dos camaradas não é senão um reflexo de um problema de que já lhes falei atrás. Com efeito, esses camaradas errados deixaram-se corromper pelas ideias burguesas e, incapazes de analisar as condições em que se desenvolve a nossa luta, puseram os seus interesses oportunistas à frente dos justos anseios do nosso povo e pretendem afastar todos aqueles que possam ser um obstáculo à sua rápida ascensão profissional. Assim, utilizando muitas vezes como arma o racismo e o esquerdismo pequeno-burguês, esses camaradas querem afastar da nossa luta todos aqueles que, pela sua competência e pela sua honestidade, ocupam lugares cobiçados pelos oportunistas. Deste modo, nós constatamos mais uma vez que há muitos camaradas que, querendo utilizar em seu benefício as conquistas dos operários e camponeses do nosso país, esquecem que a luta anti-imperialista exige o alargamento constante da nossa frente, exige a adesão a essa luta de camadas sociais cada vez mais amplas. Não é por acaso, superficialmente, que nós afirmamos isto. Nós sabemos, e esses camaradas esquecem, que a todo o momento é posta à prova a nossa capacidade em engajar na luta anti-imperialista todas as forças e camadas sociais estruturalmente interessadas no combate à exploração. Esta capacidade é condição da nossa vitória e deve ser acompanhada por um trabalho profundo no sentido de elevar o nível de consciência das massas populares a fim de que essa unidade não se torne uma unidade sem princípios. Na verdade, para não pormos em causa os objectivos da nossa luta, devemos exigir aos nossos ca-





maradas o rigor ideológico que lhes permita analisar cientificamente a cada momento o conteúdo das reivindicações populares e a traduzi-las no processo de transformação social.

E se nós sabemos que cada militante do MPLA deve ser um agitador das ideias correctas, da linha política do nosso Movimento, nós devemos definir claramente como será orientado o trabalho junto dos quadros, dos intelectuais.

Deste modo, devemos começar por criticar aqueles camaradas que se intimidam quando discutem uma questão de trabalho com um doutor, com um quadro, e partem do princípio de que porque esse doutor teve acesso a uma melhor instrução, ele sabe mais que o povo, ele é que está certo. **Na verdade, camaradas, todos nós sabemos que a grande escola de quadros não é a universidade burguesa. A escola do revolucionário é a luta sindical, a luta política, a guerra de libertação.**

É na justa luta dos operários e camponeses contra a exploração, na sua prática, que nós vamos beber a força ideológica que nos permite ultrapassar o conhecimento livresco, transformando-o no raciocínio científico, materialista, capaz de analisar e transformar a sociedade. Por isso nós dizemos que os quadros de Angola libertada surgirão de entre as massas populares, armados da experiência com que a participação consequente na nossa luta os temperou.

Também por isso nós sabemos que os intelectuais devem ser guiados pelas massas populares a fim de, passo a passo, vencerem as hesitações e insuficiências que a sua origem de classe determina.

Assim, nós devemos recrutar os intelectuais, pô-los ao serviço do nosso povo, desde que se mostrem honestos e trabalhadores e estejam dispostos a suportar os sacrifícios que as condições de luta impõem. Nós estamos aptos a guiar esses intelectuais, a fazê-los ganhar uma consciência revolucionária, a estabelecer com eles relações correctas.

As massas trabalhadoras deverão, no entanto, exercer a vigilância popular sobre os recém-chegados ao nosso Movimento, de modo a impedir as infiltrações. Mas devemos evitar ser rudes ou divisionistas e demonstrar que a flexibilidade política é uma das virtudes do bom revolucionário. Também os camaradas que têm condutas erradas deverão ser objecto dessa vigilância. Assim, os camaradas que se revelarem elitistas e tiverem uma prática pequeno-burguesa,

deverão ser severamente criticados e modificar efectivamente o seu comportamento. E se persistirem no seu oportunismo deverão ser reeducados pelas massas populares na produção directa.

É ainda muito importante encorajar os nossos militantes de origem operária e camponesa a estudar com afinco, a elevarem o seu nível cultural e assim melhor servirem a nossa luta. **Deste modo, devemos fazer com que os operários e camponeses sejam intelectuais e os intelectuais se identifiquem com as massas operárias e camponesas.**

Assim, estaremos aptos a levar em frente a nossa luta de resistência e a grande tarefa da reconstrução nacional.

5. Para muitos camaradas a palavra disciplina é uma palavra oca, sem conteúdo revolucionário.

Todos conhecemos bem os graves problemas que esta incapacidade de análise da nossa linha política tem causado ao nosso Movimento. O facto de alguns camaradas não cumprirem as tarefas de que os tinham encarregado traduziu-se algumas vezes em derrotas para o nosso povo. A indisciplina daqueles que, através da rádio ou de jornais, se têm afastado da linha definida pela Direcção gera a confusão no seio do povo e cria o terreno fácil às manobras do inimigo, através do abrandamento da vigilância e do fraccionismo.

Ora, à medida que a nossa luta foi avançando e passando a fases superiores, os militantes que nela ganharam uma consciência revolucionária compreenderam que a organização é a principal arma do povo na sua luta contra a exploração. Na verdade, camaradas, é a organização do povo em formas correctas, que torna as massas populares uma força invencível, em que a unidade ideológica é cimentada na unidade material. Todos nós sabemos que essa força organizada e coesa; guiada pelos princípios revolucionários, não poderá ser travada pelos exércitos imperialistas. Mas para que o nosso povo possa resistir à agressão imperialista é necessário que ela seja de facto uma força organizada e coesa.

Deste modo a indisciplina dos militantes é mais uma arma nas mãos dos nossos inimigos, que corrói a nossa organização e impossibilita a execução rápida e correcta das nossas palavras de ordem. A indisciplina põe em causa os objectivos da nossa luta, põe em causa a vitória das massas exploradas do nosso país. A experiência tem-nos provado que, em qualquer fase da luta anti-imperialista,



os desvios à disciplina revolucionária se vêem a traduzir na diminuição da vigilância, na infiltração de ideias e comportamentos errados no nosso seio, no aparecimento de deserções. São esses factores que podem tornar o nosso movimento vulnerável e criar um clima propício à derrota.

Assim, porque sabemos que a indisciplina desmobiliza as massas populares e transforma o nosso movimento numa organização anárquica e pouco combativa, nós dizemos que a disciplina é a sentinela que protege a linha política, a organização e as estruturas. **A disciplina é uma necessidade da revolução e condição da sua vitória.**

Todo o militante deve, por isso, realizar um combate sem tréguas contra a falta de respeito ou a ignorância das hierarquias, enfim, contra todas as tendências burguesas, decadentes e corruptas no seio do nosso movimento. **Na verdade, camaradas, não podemos esquecer que a vigilância revolucionária começa nas nossas próprias fileiras.**

Através do debate ideológico aceso, da luta contra o liberalismo e a indisciplina, nós devemos combater as ideias incorrectas e resolver as contradições que ponham em causa os interesses da luta anti-imperialista.

Devemos ter sempre presente, que disciplina revolucionária não é o mesmo que passividade, não é a obediência cega. A disciplina revolucionária exige o conhecimento e a adesão incondicional e activa dos militantes aos princípios que orientam a nossa luta.

Para ser disciplinado, o militante tem que assumir na prática o princípio de que todo o homem se valoriza na exacta medida em que souber dedicar as suas forças ao progresso das massas exploradas e da revolução.

Para ser disciplinado o militante tem que ser responsável e compreender, portanto, que qualquer tarefa que lhe é confiada deve ser cumprida porque corresponde aos legítimos interesses das massas exploradas e da nossa luta. Deste modo, todas as tarefas são importantes, não há tarefas superiores ou inferiores na revolução.

É tão importante para a nossa luta que os camaradas das FAPLA estejam nos seus postos na frente militar, como que os camaradas do DIP distribuam a propaganda que dá a conhecer os nossos objectivos às massas populares, ou que



os operários nas fábricas os camponeses nos campos garantam a produção dos bens essenciais à alimentação do nosso povo.

Mas para que as nossas palavras de ordem correspondam de facto aos anseios mais justos das massas populares é necessário que todas as nossas decisões, em qualquer escalão hierárquico, sejam a resultante de uma discussão profunda. Deste modo, as palavras de ordem devem ser elaboradas pela Direcção após a análise dos anseios mais legítimos das massas populares e devem ser levadas às massas para que elas as apoiem firmemente. As resultantes dessa interação Direcção — massas são exactamente, as ideias correctas.

Assim também devemos sempre levar em conta o grau real de consciência política dos camaradas que vão aplicar essas palavras de ordem. A execução de uma decisão exige a realização prévia de uma campanha de esclarecimento e mobilização política, como é exemplo o esforço que neste momento estamos a realizar para explicar às massas exploradas do nosso país o conteúdo da palavra de ordem "Resistência Popular Generalizada".

As tarefas cumpridas deverão ainda ser analisadas pelos camaradas para que possam, assim, sintetizar a experiência ganha na prática e elevar a consciência e a teoria revolucionária.

É através destes métodos de trabalho correctos que iremos combater ao mesmo tempo a indisciplina e o autoritarismo burocrático.

Também esta é uma tendência errada que é reflexo da inexistência de uma prática democrática na sociedade colonial.

Os nossos estatutos consagram o princípio do centralismo democrático. Ora centralismo democrático não deve ser confundido com burocracia e organização rígida e estereotipada. Ele exige o estabelecimento das relações correctas entre a Direcção e as bases que atrás referi. Por isso nós dizemos que todos os camaradas devem participar na elaboração da nossa linha política e assim criar condições para o exercício de uma ampla democracia e liberdade dentro dos limites da disciplina revolucionária.

Esta é uma das razões por que estamos aqui neste momento a debater os problemas mais importantes da actual fase de luta.

Para que a nossa reunião seja produtiva é necessário que os camaradas revelem espírito de iniciativa e participem activamente nesta discussão.



Só deste modo nós poderemos estabelecer relações correctas entre os vários escalões da nossa organização e, assim, combater o oportunismo, o fraccionismo, a indisciplina e o espírito burocrático.

Não é pois, camaradas, através de panfletos anónimos, através do oportunismo autonomista, que vamos alcançar os nossos objectivos. Não é também através de palavras de ordem impostas autoritariamente que vamos conseguir a adesão e mobilização das largas massas exploradas do nosso país à linha política definida pelo nosso Movimento. É através do debate ideológico activo, e em todos os escalões da nossa organização que vamos conseguir a unidade indispensável à vitória da nossa luta, que vamos combater o fraccionismo e todas as manobras orquestradas pelo inimigo para nos enfraquecer. Porque se trata de uma questão fundamental para própria existência do nosso Movimento nós lembramos mais uma vez aos camaradas que não iremos pactuar com as ideias erradas e **teremos a coragem de punir com justiça e severidade todos os que se afastem da nossa justa linha revolucionária.**

6. Gostaria ainda de falar aos camaradas de um outro problema de organização e que é uma consequência do liberalismo e da indisciplina.

Trata-se da questão da distribuição de tarefas dentro do Movimento.

Nós temos vindo a verificar que alguns camaradas, incapazes de cumprir as tarefas que lhes são dadas pelo Movimento e de compreender a importância dessas tarefas se dispersam por mil e uma actividades secundárias e não realizam portanto aquelas tarefas de que foram encarregados.

Estamos assim perante mais uma actuação errada. Esses camaradas não trabalham seriamente, não obedecem a um plano e orientação determinada. Esses camaradas põem os seus interesses individuais acima dos interesses do nosso povo e, assim, minam a nossa luta com o seu liberalismo. Como não cumprem as suas tarefas ou cumprem-nas imperfeitamente, põem em causa a aplicação da nossa linha política e fazem, objectivamente o jogo do inimigo.

Assim, nós defrontámos recentemente o problema das relações entre os sindicatos, a central sindical do Movimento — a UNTA e a secretaria de Estado do Trabalho do MPLA, como órgão do aparelho de Estado. Na nossa opinião a questão importante a resolver aí era a da perfeita definição das tarefas que cabem

a cada um desses órgãos, de acordo com as suas características, o cumprimento pelos camaradas das tarefas de que em consequência foram encarregados e, ainda, do estabelecimento de relações de cooperação e de camaradagem entre eles.

Este é um exemplo mas poderíamos infelizmente apontar mais alguns.

Os camaradas devem pois definir quais as tarefas que, na actual fase de luta, cabem a cada órgão do nosso Movimento; devem analisar as questões que a execução dessas tarefas levanta e cumpri-las com entusiasmo e honestidade.

Em conclusão, camaradas, devemos dar maior atenção às questões de organização e devemos reforçar-nos ideologicamente pela estreita ligação às massas e pelo estudo constante.

**Consciencializados e unidos pela justa linha correcta nós, o MPLA, seremos a força decisiva que transforma a sociedade e aniquila o inimigo.**

**VIVA A RESISTÊNCIA POPULAR GENERALIZADA**

**VIVA O PODER POPULAR**

**A LUTA CONTINUA**

**A VITÓRIA É CERTA**

Obrigado camaradas.



— Edição do Ministério da Informação · Set. 1975 —

Composto • impresso - A B C - SOTIPO — Luanda, Set. 1975

0236  
AC-06